

Trabalho de articulação realizado a partir do décimo terceiro episódio da série televisiva PSI e apresentada na Biblioteca Freudiana de Curitiba, em junho/2017.

FIM DE CURA

Angela Dal'Vesco Nery

Este episódio do Psi é imensamente rico e nos suscita várias questões. Certamente na exposição que farei, não serão abordados todos os aspectos.

Até o presente momento, as articulações realizadas ao longo deste projeto, foram feitas a partir dos casos dos pacientes. Agora chegou a hora de colocar o analista em questão! Tomarei a série, seguindo o propósito desta atividade, como disparadora de discussão e realizarei alguns recortes para que possamos discutir pontos que julgo importantes para a formação de um analista e conseqüentemente para o exercício da prática clínica.

Dentro do que acredito, só podemos nos dizer psicanalistas quando estamos diante de uma análise. Psicanalista não é um adjetivo de luxo. É uma função. A partir disso, vou colocar perguntas que me causaram interesse e que nortearão minha articulação. São elas: qual é a importância da realização de uma análise pessoal para a formação de analista? E o que é um analista desde o ponto de vista lacaniano? Em decorrência desta vem a segunda, que acredito devermos atualizar em cada atendimento que realizamos: a que ponto está nossa formação? Isto quer dizer: a quantas anda a realização de nossa análise, de nossa análise de controle, e nossa dedicação ao estudo da teoria? Colocamos realmente em prática o que escutamos como sendo o tripé de formação de um analista? Quero deixar claro que realizá-lo não é garantia de que alguém venha se tornar analista. Mas não conheço um analista que consiga exercer sua função sem ter

passado por ele. Que efeitos realizá-lo tem nas análises que conduzimos?

Este é, na realidade, um episódio que vem sendo construído ao longo de alguns capítulos da primeira temporada. O décimo terceiro é seu fechamento. Para quem não assistiu a todos, vou situar a questão a que estou me referindo. No decorrer dos episódios anteriores, o analista que protagoniza a série, vem encaminhando pacientes a sua colega toda vez que suas histórias não lhe desperta interesse. Faz isto muitas vezes, sem dar ouvidos as questões que lhe são colocadas. Questões que posteriormente se revelam importantes e que deixou de escutar devido a sua pressa, impaciência e desinteresse. O mesmo ocorreu neste episódio com Raquel. Seu cansaço é percebido por ele e sinalizado por frases como: "sei que estou cansado quando começo a tagarelar. Quando começo a falar como um conselheiro espiritual ou como um biscoito de restaurante chinês". Ou ainda mencionando Freud quando diz que a psicanálise pode levar alguém até a beira do rio, mas a decisão de atravessar é do paciente. "Estou cansado de levar as pessoas até a beira do rio e não poder dar um chute na bunda para elas poderem atravessar ou se afogar tentando."

ContardoCalligaris, autor desta série, tem um texto cujo título é justamente "Um terapeuta já cansado?" onde escreve a respeito da técnica proposta por um jovem psicoterapeuta nova iorquino, que propõe uma terapia que promete curar os paciente em 28 dias. Jonathan Alpert diz que não basta o paciente querer melhorar. Além disso, deve ter o acompanhamento de um terapeuta que o diga o que tem que fazer com seus medos. Aliás, ele resume todos os problemas dos pacientes a medos dos quais tem que se curar. Tira deles,

portanto, toda a complexidade que pode aparecer na medida em que se oferece uma escuta mais detalhada dos relatos dos pacientes. Com o que, conclui Contardo, este terapeuta apesar de jovem, já deve estar cansado. Nos diz:

“O exercício da psicoterapia não é gratificante: a persistência do sofrimento psíquico é grande, o próprio desejo do paciente se curar é incerto, os caminhos da cura são tortuosos (e misteriosos, até mesmo quando a gente consegue se engajar neles). Não estranha que um terapeuta, no meio disso, prefira simplificar o máximo o pedido de seus pacientes, dar-lhes alguns conselhos. Fazê-los sorrir e logo mandá-los embora, depois de 28 dias- rápido, na primeira melhora, ilusória ou não” (CALLIGARIS, 2009, p.211).¹

No caso do Carlos, estamos diante de um analista cansado que não está disposto a escutar alguns dos pacientes nem por 28 dias. Um analista que desistiu e perdeu a coragem, que se sente culpado pelo que deixou de fazer, que falhou no que diz respeito ao desejo de analista (vamos retomar esta questão mais adiante).

Em outro de seus livros, “Cartas a um novem terapeuta”, o mesmo Contardo fala que gostaria de ver em um terapeuta uma certa dose de sofrimento do qual ele tenha que se curar. Isto porque quando os tratamentos nos colocam diante de alguns desafios difíceis, ele vai lembrar que sua prática adianta. Saberá disso

não só pelos livros, mas porque a prática que propõe já curou ao menos um: a ele mesmo.

Vou colocar outra fala, agora de um psicanalista argentino, Isidoro Vegh, para irmos aos poucos entrando em nossa primeira questão, ou seja, a importância de uma análise na formação de um analista. Ele diz que para sermos analistas temos que fazer parte da experiência. Somos colocados no lugar de quem sabe (SsS) e, mesmo sabendo que se trata de um engano, temos que sustentá-lo. Esta dificuldade também encontramos em Carlos para quem “está ficando cada vez mais difícil aguentar a confiança de quem acha que somos a solução dos problemas”. Ao que Valentina lhe responde, com um ensinamento que vem dele mesmo quando professor, que: “ser psi é ter que aguentar que para quem vem nos consultar a gente é o remédio”. É ocupando o lugar de suposto saber que propiciamos aos paciente que construam suas próprias soluções. Fazemos parte da experiência, também, na medida em que estamos dispostos a sermos tomados por qualquer um, por qualquer outro que o paciente venha nos colocar de acordo com as nuances transferenciais. Então, voltando ao Isidoro. Há que fazer parte da experiência:

Quem não está disposto, não há problema, pode dedicar-se a outra coisa (...). E fazer parte da experiência, implica perigos. Nossa prática é perigosa. Porém não é perigosa porque convidamos à autoimolação; precisamente a sustentamos para que não haja sacrifício. Eu costumo dizer a aqueles que aceitam escutar-me: se atendem em suas casas não deixem mal terminar a sessão com o último

¹ CALLIGARIS, C. Todos os reis estão nus. São Paulo: Três estrelas, 2013.

paciente para encontrar-se com sua esposa e com seus filhos, menos ainda dizer-lhes: "Ah, querida, tive um caso tão interessante". É falso: não contam a eles porque é interessante, é porque não suportam a angústia. Irão contaminar seu âmbito cotidiano com coisas que aconteceram em uma frigideira perigosa. Para isso um analista se analisa. Não é para cumprir o regulamento da Internacional Psicanalítica, é porque ser analista implica perigos. Se sentem angústia quando terminaram de atender seu último analisante, melhor que fiquem sentados, tomem um café, tratem de associar com o que escutaram por último, se foi alguma coisa das sessões anteriores, o que aconteceu. Vai ser melhor para você, para sua família, e até para a psicanálise. Pode ser que daí surja algo de criativo" (VEGH, 2013, p. 26)².

É para isto que um analista se analisa. Uma análise pessoal é parte indispensável da formação, pois possibilita escutar a outros sem responder pessoalmente as questões que nos são apresentadas. E não nos colocar como pessoas, possibilita que façamos parte da experiência como qualquer um. Nos analisamos, para acolher nossos analisantes sem que nosso ser, nossas angústias, nossos sofrimentos

estejam aí presentes interferindo no processo. É somente no âmbito da experiência analítica que podem se dar certas operações que irão nos permitir ocupar o lugar de analista e de nos sustentar nesta posição. Durante uma análise podemos vivenciar as nuances transferenciais, depararmo-nos com nossas determinações inconscientes, com nossas resistências, a questionar nossas maneiras de gozar, de encontrar satisfação e perceber nossas repetições na tentativa de delas extrair algo novo. Não se trata, portanto, de um processo de acumulação de conhecimento ou de aprendizagem de uma técnica.

É também durante uma análise que poderemos questionar a posição fantasmática, a que nos colocamos diante do grande Outro com o intuito de mantê-lo pleno, não castrado. Até que ao final de uma análise, atravessamos esta posição e nosso desejo que antes estava condicionado ao desejo do Outro, pode ficar mais livre, mais vazio de ser.

Uma análise não é somente importante, mas de acordo com Lacan, a única via para se produzir um analista. O psicanalista autoriza-se de si mesmo, ele nos diz. Apenas o analista, não qualquer um, poderá autorizar-se de si mesmo. Um analista portanto, é efeito de uma análise, onde poderá surgir um desejo inédito de ocupar o lugar de SsS (mesmo tendo passado por este engano) e de causa de desejo para outros. Um desejo a partir do qual, é possível um encontro com o real que a prática nos coloca a cada dia, sem por ele manifestar horror. Este é o desejo do analista. Sem o surgimento dele, pode ter havido análise, mas analista de forma alguma.

No texto "A direção da Cura e os princípios de seu poder", de 1958, Lacan dá um passo importante em direção a circunscrever este conceito. Lá ele vai nos dizer que os sentimentos do analista devem ficar de fora do consultório. Senão, não se sabe mais quem conduz o tratamento. Ao contrário de dirigir o paciente, de reeduca-lo, o analista sim, conduz

² VEGH, I. Senderosdelanálisis. Progresiones y regresiones. Buenos Aires: Paidós, 2013.

o tratamento. E o faz a partir de um desejo singular que é o desejo do analista, que é caracterizado por ser um lugar de vazio, onde a historicidade própria do paciente possa se instalar: seus medos, seus desejos, suas querelas amorosas, enfim, a posição que ocupa na vida e que lhe causa sofrimento. Desta forma, poderá circular por elas questionando-se a respeito do lugar que ocupa diante do grande Outro.

Neste caso, não pode haver lugar para outros desejos que venham manifestar. Pura Cancina em um dos seminários que ministrou na Biblioteca Freudiana de Curitiba, nos diz o seguinte:

Então, até aqui podemos dizer que a psicanálise, se é uma prática do desengano, será o que permitirá encontrar uma solução mais satisfatória que o sintoma neurótico. Mas esta solução diferente, esse saber fazer com que nos aflige, é o próprio interessado que deverá encontrar. Não há lugar nem para o educador, nem para o curador, nem para o predicador. Porém quando dizemos que não há lugar nem para o educador, nem para o curador, nem para o predicador estamos dizendo que não há lugar para que estes desejos conduzam a cura. O desejo de educar, o de curar e o desejo de lograr adeptos (...)
(CANCINA, P, 2014).³

Daí podemos deduzir que o desejo do analista é absolutamente diferente do desejo de ser analista que pode ser colocado na conta de qualquer outro querer que venhamos a manifestar, como se fosse uma escolha consciente sustentada em nosso fantasma. Não é mal realizarmos esta escolha. Mas ela vai ser questionada inclusive durante o processo de uma análise. E como escutamos do nosso protagonista, não há garantia de que isso seja confirmado.

Como disse anteriormente, é o desejo do analista que vacila no nosso personagem. E vacila na medida em que questões da sua própria vida o impedem de escutar as dos pacientes. Isto fica claro no trecho onde Valentina lhe aponta que geralmente quando começamos achar a banalidade chata é porque perdemos o encanto, não pela vida dos outros, mas pela nossa própria.

E quando percebemos que, de alguma forma, estamos interferindo no tratamento de nossos pacientes, melhor recorrermos a análise pessoal e a supervisão. Assim, retomamos a segunda pergunta que coloquei no início: A que ponto estamos com nossa formação? Formação pela qual cada um de nós é responsável. Ninguém vai bater em nossa porta e perguntar se cumprimos com lição de casa. Esta é uma pergunta ética que cabe a cada um de nós realizarmos.

Ao que tudo indica, Carlos se faz esta pergunta e resolve escutar as mensagens que lhe vinham pelos sonhos, pelas cartas ou pelas lembranças que não consegue situar... Sonhos com chamados do pai, cartas enviadas por ele que já aparecem fazendo parte de uma das suas análises... As cartas também são um elemento que há tempos aparecem. Também era a maneira pela qual seus pais encontravam de falar verdades. Deixaram cartas para serem lidas quando já não estavam mais. Ele, quando criança gostava de juntar pedaços de cartas rasgadas, suposta origem de seu desejo de se tornar analista. Juntando os pedaços, tem a

³ Seminário proferido na Biblioteca Freudiana Curitiba. Quem analisa hoje? Novembro/2014

possibilidade de realizar sua leitura. Então, decide pagar para ver, e retornar ao exercício de brincar com as cartas rasgadas, com os pedaços da sua vida. E tudo que elas representam.

Fim de cura. Hora de retomar a análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLIGARIS, C. Todos os reis estão nus. São Paulo: Três estrelas, 2013.

CALLIGARIS, C. Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirante e curiosos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CANCINA, P. Seminário proferido na Biblioteca Freudiana Curitiba. Quem analisa hoje? Novembro/2014. Arquivos de circulação interna da BFC.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

VEGH, I. Senderosdelanálisis. Progresiones y regresiones. Buenos Aires: Paidós, 2013.